

A APLICAÇÃO DA DISCIPLINA NA ESTRUTURAÇÃO DO HOSPITAL COMO INSTRUMENTO TERAPÊUTICO SEGUNDO MICHEL FOUCAULT

Paulo Sérgio Guimarães Pinto¹

RESUMO: O presente artigo objetiva apresentar a perspectiva de Michel Foucault sobre o papel da disciplina na estruturação do hospital como um local terapêutico. A discussão sobre o tema é apresentada no texto *O nascimento do hospital*. Trata-se de uma conferência que discute o nascimento do hospital na tecnologia médica. Esse texto é um relato da evolução e reestruturação do hospital e da medicina, sendo que o hospital deixa de ser uma simples figura arquitetônica, e passa a ser um instrumento de cura. Segundo Foucault, essa reestruturação passou por vários estágios, organização econômica, social, purificação, higienização, mas foi possível por meio de uma técnica chamada *disciplina*.

Palavras chaves: Michel Foucault; Disciplina; poder; Hospital.

ABSTRACT: This article aims to present the perspective of Michel Foucault on the role of the discipline in the structuring of the hospital as a therapeutic place. The discussion on the subject is presented in the text *The birth of the hospital*. It is a conference that discusses the hospital's birth in medical technology. This text is an account of the evolution and restructuring of the hospital and medicine, and the hospital ceases to be a simple architectural figure, and becomes an instrument of healing. According to Foucault's restructuring has undergone several stages, economic organization, social, purification, hygiene, but this reorganization was possible by means of a technique called discipline.

Keywords: Michel Foucault; Discipline; Power; Hospital.

Michel Foucault dedicou grande parte de seus estudos refletindo sobre a questão do poder e seus desdobramentos, foram vários artigos, entrevistas,

¹ Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná PUCPR. Graduado em Teologia pela Faculdade Claretiana de Teologia STUDIUM THEOLOGICUM. Pós graduado em EAD educação a distância pela FAEL (faculdade educacional da Lapa) Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná PUCPR e doutorando pela mesma instituição (PUCPR).Contato: email: sergiopaulogp@yahoo.com.br Telefone: 41 88654766

conferências nas quais ele discutiu o exercício e a natureza do poder, sobretudo dentro das sociedades capitalistas. Usou o método genealógico utilizando os eixos históricos, focando as formas de exercício do poder no Estado. Esses estudos estão centralizados na obra *Microfísica do Poder*. Do ponto de vista metodológico, uma das principais preocupações de Foucault foi procurar dar conta do nível molecular de exercício do poder sem partir do centro para periferia, do macro para o micro. (MACHADO, 2001, p. 13). Foucault procura analisar o poder, partindo do Estado e adentrando nas esferas mais baixas da sociedade, ele pretendia com isso demonstrar que o Estado não era o centralizador que detém nas mãos o poder ou que as relações de poder da sociedade moderna seria um prolongamento das ações do Estado. “analisar como esses micro-poderes que possuem tecnologia e história específicas, se relacionam com o nível geral do poder constituído pelo de Estado”. (MACHADO, 2001, p 13).

Segundo Foucault é impossível pensar uma sociedade sem relações de poder, a estrutura organizacional de qualquer sociedade que exista passa por diversas relações de poder, sendo que estas não estão centradas em um lugar único. O poder deve ser analisado como algo que funciona em redes, cada indivíduo, no fundo, é titular com certo poder; o Estado não consegue confiscar e absorver os poderes periféricos (poder exercido por pequenos grupos, empresas, individualmente, cientistas, comunicadores...).

Não vejo quem – na direita ou na esquerda – poderia ter colocado este problema do poder. Pela direita, estava somente colocado em termos de constituição, de soberania etc., portanto em termos jurídicos; e, pelo marxismo, em termos de aparelho do Estado. Ninguém se preocupava com a forma como ele se exercia concretamente e em detalhe, com sua especificidade, suas técnicas e suas táticas. Contentavam-se em denunciá-los no “outro”, no adversário, de uma maneira ao mesmo tempo polêmica e global: o poder no socialismo soviético era chamado por seus adversários de totalitarismo; no capitalismo ocidental, era denunciado pelos marxistas como dominação de classe; mas a mecânica do poder nunca era analisada... Quais são, em seus mecanismos, em seus efeitos, em suas relações, os diversos mecanismos de poder que se exercem a níveis diferentes da sociedade, em domínios e com extensões tão variados?... A análise do poder ou dos poderes pode ser, de uma maneira ou de outra, deduzida da economia? (FOUCAULT, 1981, p.174).

O que Foucault pretendia não era elaborar um novo conceito, ou um novo modo de elaboração do poder; o que ele pretendia era realizar uma análise das múltiplas formas de exercício de poder, tendo como base a prática social historicamente constituída. Dessa forma, Foucault elabora alguns questionamentos sobre a teoria do poder e apresenta a ideia de microfísica do poder.

Na trajetória de análise sobre o poder e seu exercício, encontramos o texto *O nascimento do hospital*. Trata-se de uma conferência que discute o nascimento do hospital na tecnologia médica, “a partir de que momento o hospital foi programado como um instrumento terapêutico de intervenção sobre a doença e o doente...” (FOUCAULT, 2001, p.99).

Foucault (2001, p.99) afirma que o hospital passa a ser estruturado como um instrumento terapêutico, recentemente, já no final do século XVIII. Por instrumento terapêutico entende-se que o hospital deve ser um instrumento com objetivo de curar.

Na Europa, ocorreram diversas viagens que percorriam hospitais e os observavam sistematicamente, entre elas podem ser destacadas as de Howard – inglês e Tenon – francês, a pedido da Academia de Ciências Francesa. Essas viagens apresentam como objetivo principal encontrar meios para programar reformas e reestruturar os hospitais. Esse estudo é realizado por inquérito empírico, a partir daí “o hospital deixa de ser uma simples figura arquitetônica. Ele agora faz parte de um fato médico hospitalar que deve ser estudado...” (FOUCAULT, 2001, p.99).

Nessas viagens, Howard e Tenon buscam uma análise funcional dos hospitais, ou seja, não são analisados apenas fatores externos, são levados em consideração e com prioridade detalhes como número de doentes, leitos, taxas de mortalidade... A pesquisa é transferida do olhar no edifício para uma análise descritiva da situação interna dos hospitais com o intuito de renovação.

Como resultado desses inquéritos, se estabelece uma nova visão sobre o hospital, que passa a ser visto como local de cura. “Hospital na Idade Média: não era de forma alguma o local da cura; não era uma instituição médica e a medicina era, nesta época, uma prática não hospitalar. O hospital na Idade Média era essencialmente uma instituição de assistência aos pobres. Instituição de assistência e, também, de separação e exclusão” (FOUCAULT, 2012, p.1). A ideia de hospital como instituição que busca um prognóstico para o problema da doença é normal em nossos dias, porém se percebe que na Idade Média essa instituição tinha como função principal acolher o pobre que estava morrendo e até mesmo afastá-lo do convívio social como precaução e proteção

aos que não estavam doentes. Assim, não existiam práticas médicas dentro dos hospitais. “O hospital permanece com essas características até o começo do século XVIII, um hospital geral, lugar de internamento onde se justapõe e se misturam doentes, loucos, devassos, prostitutas...” (FOUCAULT, 2001, p.102).

Nesse período, a organização hospitalar não permitia a intervenção da medicina; a medicina do século XVIII era extremamente individualista, ou seja, não fazia parte da formação dos médicos o estágio hospitalar, a formação era demasiada teórica, com estudos de textos e receitas.

Quando Michel Foucault redigiu seus textos e seus estudos sobre as relações de poder, a realidade dos hospitais já estava renovada, isso lhe permitiu demonstrar como ocorreram tais transformações.

Um primeiro meio de transformação foi higienizar os hospitais, pois, muitas vezes, as doenças eram transmitidas no interior dos locais hospitalares para as pessoas que estavam internadas, que acabavam espalhando a doença. Nessa época, os hospitais sofriam com desordem econômica e social, dimensões que também precisaram passar por mudanças.

As primeiras reestruturações ocorreram nos hospitais militares da Europa no século XVII, pois os hospitais marítimos sofriam com a desorganização econômica. “Através dele se fazia, na França, tráfico de mercadorias, objetos preciosos, matérias raras, especiaria” (FOUCAULT, 2001, p.103) os traficantes se faziam de doente para fugir da fiscalização.

Os hospitais passam a ser reestruturados, tendo como primeira referência os hospitais militares marítimos. Foucault apresenta uma justificativa para esse acontecimento. Segundo ele, nesse período, final do século XVII, o valor de um soldado se eleva, pois os exércitos vão adquirindo novas técnicas que necessitam de habilidades; o trabalho de um soldado torna-se complexo; os exércitos precisam de pessoas qualificadas. Conseqüentemente, quando perdiam um soldado por doença ou ferimento encontravam dificuldades para substituição. Dessa forma, não era aceitável a morte de um soldado por doença que pudessem ser curadas. Surge, então, a tentativa de salvar vidas através de métodos e prognósticos dentro dos hospitais. “Surge, portanto uma reorganização administrativa e política, um novo esquadramento do poder no espaço do hospital militar” (FOUCAULT, 2001, p.104).

Segundo Foucault, essa reestruturação em um primeiro momento não foi mediada por intervenções médicas, mas sim por meio de uma técnica chamada disciplina. De acordo com o autor, a disciplina tem mecanismos antigos, identifica disciplina na Antiguidade, Idade Média. Nesses períodos, porém,

atuava de forma isolada e fragmentada. No século VXIII, o poder disciplinar foi aperfeiçoado como uma nova forma de controlar os homens. Para Michel Foucault, a disciplina é uma grande invenção técnica do século XVIII, nasce dos grandes avanços na alfabetização nas escolas e oficinas do exército.

A disciplina do exército começa no momento em que se ensina o soldado a se colocar, se deslocar e estar onde for preciso. Nas escolas do século XVII os alunos também estavam aglomerados e o professor chamava um deles por alguns minutos, ensinava-lhe algo, mandava-o de volta, chamava outro, etc. Um ensino coletivo dado simultaneamente a todos os alunos implica uma distribuição espacial. A disciplina é antes de tudo a análise do espaço. É a individualização pelo espaço, a inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório. (FOUCAULT, 2001, p.105).

A disciplina passa a atuar sobre as pessoas de forma calculada, pois em vez de dobrar uniformemente, e por massa, tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até as singularidades necessárias e suficientes”. ‘Adestra’ as multidões confusas, móveis, inúteis, de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais – pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios” (FOUCAULT, 1997, p. 143).

Portanto, a disciplina se torna a forma estruturada e organizada das relações humanas por meio dos detalhes. Os mínimos detalhes formam a política de controle e utilização dos homens que vêm se desenvolvendo desde a era clássica, com técnicas, processos, saberes, descrições, receitas e dados.

Foucault acredita que diante dessa realidade nasceu o homem moderno. “Para Foucault, para efetuação da disciplina não há necessidade de grande esforço basta um olhar hierárquico, castigo normalizador e uma combinação de elementos que provém do castigo o exame” (BARBOSA, 2012, p. 1) Esses elementos vão elaborar o poder disciplinar.

A disciplina implica um registro contínuo. Anotação do indivíduo e transferência da informação de baixo para cima, de modo que no cume da pirâmide disciplinar, nem um detalhe, acontecimento ou elemento disciplinar escape a esse saber... o exame é a vigilância permanente, classificatória, que permite distribuir os indivíduos, julga-los, medi-los, localiza-los e por conseguinte, utilizá-los ao máximo. Através do exame, a individualidade torna-se um elemento pertinente para o exercício do poder. (FOUCAULT, 2001, p.107).

Esse estudo sobre o poder disciplinar elaborado por Foucault justifica que a reestruturação e o nascimento do hospital, como instrumento terapêutico, foi decorrência da aplicação dos elementos disciplinares no interior do desorganizado espaço hospitalar.

A disciplina pode ser aplicada nos âmbitos médicos, segundo Foucault, por que a formação médica também passou por mudanças, nestas transformações as doenças são entendidas como processos naturais que têm fases e vários fatores que podem determinar a sua cura, ou seja, “a intervenção médica não está focada apenas na doença, mas é deslocada ao meio que a circunda”. (FOUCAULT, 2001, p.107)

A aplicação da disciplina no ambiente hospitalar também criou condições para organização dos corpos no espaço, ou seja, modificar o meio em que os doentes eram colocados, separar por categorias, pois até então não existia distinção entre doenças; todos os doentes com diversos problemas eram colocados no mesmo local, sendo que muitas vezes um doente que estava com um problema simples acabava se infectando por doenças graves. Com essa separação de forma individualizada surgem melhores condições de vigilância, acompanhamento da situação de cada doente.

Michel Foucault após definir esse duplo nascimento do hospital terapêutico pelas técnicas de poder disciplinar e de intervenção médica sobre o meio apresentou três características fundamentais do hospital médico ou moderno.

A primeira característica do hospital médico, no final do século XVIII, diz respeito ao espaço: a localização do hospital no espaço urbano e a distribuição interna do seu espaço. “A localização do hospital deve ajustar-se ao modelo sanitário da cidade, de modo a evitar que ele seja um local que as pessoas procurem para morrer, um local sujo, poluído por doenças” (SOUZA, 2012, p.1). Além disso, a distribuição interna do seu espaço deve ser feita em função de critérios rigorosos que garantam o sucesso da cura pela ação eficaz sobre o meio, tais como: constituir em torno de cada doente um pequeno meio de espaço individualizado, específico e modificável, segundo o doente, a doença e a sua evolução; realizar uma autonomia funcional do espaço de sobrevivência do doente, suprimindo o dormitório - o leito comum - onde se amontoam diversas pessoas e dando uma cama a cada doente; enfim, construir em torno do doente um meio manipulável que permita individualizar o seu espaço de respiração em salas coletivas

Tudo isso mostra como, em sua estrutura espacial, o hospital é um meio de intervenção sobre o doente. A arquitetura do hospital deve ser um fator e instrumento de cura. O Hospital-exclusão, onde se rejeitam os doentes para a morte, não deve mais existir. A arquitetura hospitalar é um instrumento de cura de mesmo estatuto que um regime alimentar, uma sangria ou um gesto médico. O espaço hospitalar é medicalizado em sua função e em seus efeitos. (FOUCAULT, 2001, p.109)

A segunda característica do hospital médico, no final do século XVIII, apontada por Foucault, está relacionada a mudanças no sistema de poder dentro do hospital; nesse período quem estava à frente da organização dos hospitais eram os religiosos; os médicos eram submetidos à administração religiosa, suas visitas eram controladas e não aconteciam de forma regular. A partir do momento em que o hospital foi concebido como um instrumento de cura, usando a distribuição do espaço como instrumento terapêutico, o poder deslocou-se do pessoal religioso para o corpo médico.

Essa transição é significativa no sentido em que o hospital se torna um instrumento terapêutico. Isso renova a estrutura do atendimento do médico em relação aos pacientes, pois agora o médico começa a ter autonomia em relação ao problema que o doente está enfrentando; os médicos passam a estruturar os hospitais como lugares nos quais as pessoas buscam a cura, não simplesmente um lugar no qual os doentes eram acolhidos, com o intuito de buscar uma morte mais tranquila, como ocorria anteriormente.

Com o enfraquecimento do poder religioso no interior do hospital, foram os médicos que passaram a controlar a rotina dos doentes, como a rotina alimentar, ambientes, temperaturas, bebidas... as visitas passam a ser cada vez mais frequentes. O personagem do médico hospitalar surgiu, portanto, no final do século XVIII, e, com ele, o ritual da visita que marca o advento do poder médico, um ritual diário e regular em que o médico, acompanhado pela hierarquia do hospital (assistentes, alunos, enfermeiras), vai ao leito de cada doente.

Essa codificação ritual da visita, que marca o advento do poder médico, é encontrada nos regulamentos dos hospitais do século XVIII em que se diz onde cada pessoa deve estar colocada, que o médico deve ser anunciado por uma sineta que e enfermeira deve estar na porta com um caderno nas mãos e deve acompanhar o médico quando ele entra. (FOUCAULT, 2001, p.110)

Percebe-se que esse poder médico ganhou ainda mais força no decorrer da história, sobretudo com o desenvolvimento da medicina e da tecnologia moderna que teve ascensão nos meados do século XIX; nesse estágio o médico se torna aquele que é reconhecido muitas vezes como um “semideus” que carrega o poder de prolongar e salvar vidas.

Sendo assim, encontramos nos estudos de Michel Foucault uma terceira característica do hospital como instrumento terapêutico; refere-se à organização de um sistema de registro permanente e exaustivo do que acontece no interior do hospital. De início, são pequenos detalhes que hoje podem nos parecer simples, porém, no início, e diante da realidade hospitalar da época, fizeram muita diferença para se chegar à estrutura e organização dos hospitais modernos.

O sistema de registro inclui não só a identificação dos doentes e as fichas com o nome e a doença do paciente, mas também uma série de dados que acumulam e transmitem informação: registro geral de entradas e saídas; registro de cada sala realizado pela enfermeira-chefe; registro da farmácia; registro do médico; e a obrigação de os médicos confrontarem as suas experiências e os seus dados. “Constituiu-se assim um campo documental no interior do hospital, lugar de cura e de registro, acumulação e formação de saber médico”. (SOUZA, 2012, p.1).

Essa acumulação de saber propicia uma grande evolução no processo de formação do saber médico, que no século XVIII, estava ainda centrada na teoria, ou seja, nos grandes tratados clássicos da medicina, com a acumulação documental dentro dos hospitais, a formação dos novos médicos passou a ser no interior do hospital, sendo que este além de ser um lugar de cura como vimos anteriormente, passa a ser também um lugar de formação. Em consequência dessa evolução nasce a clínica como dimensão essencial do hospital.

Clínica aqui significa a organização do hospital como lugar de formação e transmissão de saber. Mas se vê também que, com a disciplinarização do espaço hospitalar que permite curar, como também registrar, formar e acumular saber, a medicina se dá como objeto de observação um imenso domínio, limitado de um lado, pelo indivíduo, e de outro pela população. (FOUCAULT, 2001, p.111)

Com o nascimento da clínica que possibilita uma melhor organização dentro dos hospitais, o indivíduo e a população tornam-se objetos do saber e da prática médica, com a possibilidade de observar vários indivíduos em diversas

regiões, os conhecimentos médicos se estendem para toda população, ou seja, ao mesmo tempo em que um doente recebe a cura, passa a ser estudado e contribui para novas descobertas e possíveis avanços no saber da medicina. Sendo assim, graças à tecnologia hospitalar, o indivíduo e a população começam a receber os efeitos desse novo poder médico e hospitalar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Michel Foucault dedicou grande parte de seu tempo analisando as relações de poder, segundo ele, o poder não é algo estagnado. Não tem um lugar definido, está sempre se construindo nas relações dos corpos.

O que chama atenção na teoria de Michel Foucault, é o modo como analisa as relações de poder, pois ele tem como base o Estado, mas foca sua pesquisa nas relações de poder em esferas menores da sociedade, com isso pretende demonstrar que o Estado não é o único e centralizador do poder, ou seja, os micros poderes possuem histórias específicas. Podemos perceber isso no texto tratado acima, “*O Nascimento do Hospital*”, que apresenta algumas relações de poder dentro do hospital que independem da ação do Estado. Assim, justifica sua afirmação de que o Estado não consegue confiscar e absorver os poderes periféricos.

O texto *O Nascimento do hospital* apresenta um relato da evolução e reestruturação do hospital e da medicina, sendo que o hospital deixa de ser uma simples figura arquitetônica e passa a ser um instrumento de cura. Segundo Foucault, essa reestruturação passou por vários estágios, organização econômica, social, purificação, higienização, mas tal reorganização foi possível por meio de uma técnica chamada disciplina. Para Michel Foucault, a técnica é uma grande invenção do século XVIII, nasce dos grandes avanços da alfabetização nas escolas e oficinas do exército.

A disciplina se torna a forma estruturada e organizada das relações humanas por meio dos detalhes. Os mínimos detalhes formam a política de controle e utilização dos homens. Assim, é aplicação dos elementos disciplinares no interior desorganizado do ambiente hospitalar possibilitou ao nascimento do hospital como instrumento terapêutico.

Michel Foucault apresenta três características desse hospital terapêutico moderno. A primeira em relação reorganização do espaço, a segunda refere-se